

São Paulo

2015 - 5980010 (Permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria, proibindo qualquer uso para fins comerciais)

© 2015 – Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo

Rua da Praça do Relógio, 160 - 05508-050 - Cidade Universitária - São Paulo/SP - tel.: 11 3091 3039 - email: mac@usp.br - www.mac.usp.br

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7229-076-0



9 788572 290760

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Lourival Gomes Machado do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo

Acervo: Outras Abordagens / organização Tadeu Chiarelli. São Paulo: Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, 2015, vol.2.  
140 p. ; il. – (MAC Essencial; 2)

ISBN 978-85-7229-076-0  
5980010  
DOI: 10.11606/9788572290760

1. Museus de Arte – Brasil. 2. Acervo Museológico – Brasil. 3. Crítica de Arte.  
4. Universidade de São Paulo. Museu de Arte Contemporânea. I. Chiarelli, Tadeu. II. Série.  
CDD – 708.981

PROGRAMA PRESERVAÇÃO DE ACERVOS E PATRIMÔNIO CULTURAL DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
PAULO PRÓ-REITORIA DE CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DA USP.

Ficha do catálogo

Autores: Ana Magalhães; Ana Maria Maia; Cauê Alves; Cayo Honorato; Daniela Maura Ribeiro; Edward Sullivan; Felipe Scovino; Fernanda Lopes; Fernando Oliva; José Augusto Ribeiro; Júlio Martins; Luiza Proença; Maria Adelia Menegazzo; Marta Mestre; Monica Zielinsky; Paula Braga; Paulo Gallina; Paulo Miyada; Paulo Sergio Duarte; Rafael Cardoso; Rafael Vogt Maia Rosa; Raul Antelo; Regina Teixeira de Barros; Ricardo Fabbrini; Ronaldo Entler; Sergio Martins; Taisa Palhares.  
Reproduções Fotográficas: Arquivo MAC USP (pp. 11; 17; 79; 85 e 89) • Beatriz Albuquerque (p. 48) • Carlos Kipnis (p. 77) • Flavio Demarchi (pp. 21 e 27) • Gerson Zanini (p. 95) • João Musa (pp. 25 e 41) • Juan Guerra (pp. 81; 91 e 93) • Romulo Fialdini (pp. 9; 13; 15; 19; 23; 29; 31; 33; 35; 37; 39; 43; 45; 47; 49; 51; 53; 55; 57; 59; 61; 63; 65; 67; 69; 71; 73; 75; 83 e 87)

Obra Capa: Jonathas de Andrade, *Educação para Adultos*, 2010 (detalhe)

Revisão: Ana Cândida de Avelar

Preparação Documentação: Alessandra Matias de Oliveira

Atendimento à Pesquisa/Revisão de Dados Catalográficos: Cristina Cabral; Fernando Piola; Michelle Alencar

Projeto Gráfico/Edição de Arte: Elaine Maziero

Apoio de Editoração: Roseli Guimarães

Diagramação: Konsept design & projetos

Coordenadora Assistente: Ana Cândida de Avelar

Coordenador: Tadeu Chiarelli

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	7
ALBANO AFONSO Raul Antelo.....	8
TARSILA DO AMARAL Paulo Sergio Duarte .....	10
JONATHAS DE ANDRADE Ronaldo Entler .....	12
CÉSAR BALDACCINI Ana Magalhães.....	14
RICARDO BASBAUM Paula Braga .....	16
JOSEPH BEUYS Marta Mestre .....	18
UMBERTO BOCCIONI Sergio Martins .....	20
J. BORGES Marta Mestre .....	22
PAULO BRUSCKY Paula Braga .....	24
PAULO BRUSCKY Paulo Miyada .....	26
PAULO BRUSCKY E DANIEL SANTIAGO Paulo Miyada .....	28
IBERÊ CAMARGO Monica Zielinsky .....	30
IBERÊ CAMARGO Monica Zielinsky .....	32
JOSÉ CARRATU Rafael Vogt Maia Rosa .....	34
FLÁVIO DE CARVALHO Raul Antelo.....	36
FLÁVIO DE CARVALHO Ana Maria Maia .....	38
AMÍLCAR DE CASTRO Felipe Scovino.....	40
AMÍLCAR DE CASTRO Ricardo Nascimento Fabbrini .....	42
LYGIA CLARK Cauê Alves .....	44
CARLOS ALBERTO FAJARDO Fernanda Lopes.....	46
LUCIO FONTANA Maria Adelia Menegazzo.....	48
CARMELA GROSS José Augusto Ribeiro .....	50

# Kurt SCHWITTERS

Hannover, 1887 - Kendal, 1948

Ana Magalhães

Schwitters estudou nas academias de Dresden e Berlim, e a partir de 1918, liga-se aos dadaístas, dando início ao uso da colagem na realização de suas obras. Em 1919, faz sua primeira pintura *Merz*: o título da obra vem do fato dela trazer um pedaço de papel do Kommerz-und-Privatsbank, que depois o artista passaria a usar para desenvolver um conceito de obra de arte total, por assim dizer. Em 1923, Schwitters construiu espaços em sua própria casa, em Hanover, que ele chamou de *Merzbau*. Porque o procedimento da colagem seria a base de suas obras, Schwitters as categorizava usando o termo *Merz*: assim ele concebeu *Merzbildern*, *Merzzeichnungen*, e sua *Merzbau* – literalmente, “quadros Merz”, “desenhos Merz” e “construção Merz”.

Sua vinculação às práticas vanguardistas do início do século XX, tornou o artista rapidamente um inimigo do estado nazista alemão – obrigando-o a fugir para a Noruega em 1937. Com a invasão do país pelas tropas nazistas em 1940, o artista acabou encontrando refúgio na Inglaterra. Costumava-se falar desse como um período de ostracismo para o artista, do qual ele só teria sido redimido a partir de 1956, quando seu filho, Ernst Schwitters, reuniu o que restava de sua produção na Inglaterra e seus arquivos pessoais para doá-los ao Sprengel Museum de Hanover. Sua sala na 6ª Bienal de São Paulo, em 1961, como artista da Representação Nacional de sua Alemanha natal, realizava-se no auge da retomada do interesse por sua obra e no momento em que os trabalhos de catalogação sistemática de sua produção foram feitos. O *Merzzeichnung Duke Size*<sup>1</sup> foi incorporado ao acervo do antigo Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM SP) como prêmio-aquisição da Bienal daquele ano. Schwitters aparecia, ali, como um legítimo vanguardista, vinculado às vertentes do Dadá.

Embora recentemente tenha-se revisto o que foi o período inglês de Schwitters<sup>2</sup>, nosso *Duke Size* – produzido nesses anos – foi tratado como

1. A ficha catalográfica estabelecida dentro do Fundo Kurt Schwitters em Hanover assim categoriza nossa colagem – como um “Desenho Merz”.

2. *Schwitters in Britain* (Emma Chambers & Karin Orchard, orgs.). Londres: Tate Modern, 2013, que aponta para se rever suas relações com o ambiente artístico britânico e sua intensa produção no período.



*Duke Size*, 1946  
recortes de papel e papéis sobre papel  
19 x 15,8 cm • Doação MAM SP  
©Schwitters, Kurt / AUTVIS, Brasil, 2015

uma obra plenamente vanguardista no contexto da Bienal, sendo ele apresentado pelo comissário da Representação Nacional alemã como um artista “histórico”. Ele guarda, sim, alguns aspectos importantes da sua prática vanguardista: não só a colagem feita com o reaproveitamento de pedaços de papel comercial, de embalagem, mas também – como nos assinalam alguns especialistas – na maneira como o artista a compõe em linhas diagonais, bastante arranjadas e que implicam num raciocínio de composição abstrata. Por outro lado, há algo de muito “inglês” nele. O título deriva do pedaço de papel em que se lê “Duke Size”. As letras em vermelho parecem ter sido carimbadas num pedaço de papel cortado com as mãos – o que já nos faz questionar o estatuto desse elemento: ele é algo que o artista encontra ou “fabrica” como se fosse algo encontrado? Somos tentados ainda a indagar sobre a expressão em si – remetendo também a uma prática Dadá de elaboração de *nonsenses*. Ela pode ser uma espécie de aforismo irônico sobre os anos do fim da 2ª Guerra Mundial. Do mesmo período data outra colagem sua de título *Mr. Churchill is 71* – as letras também carimbadas num pedaço de papel, como em nosso *Duke Size*. Não podemos nos esquecer que Schwitters morou na Inglaterra nos anos de uma das maiores crises da monarquia daquele país, em que o jovem Rei Edward VII – depois Duque de Windsor<sup>3</sup> – abdicou do trono para se casar com uma estrela de cinema de Hollywood, passando da discreta vida da realeza inglesa para as páginas de jornais e revistas sensacionalistas. O Duque e a Duquesa de Windsor ficaram famosos também pela visita que fizeram a Hitler em 1937, e foram considerados simpatizantes do regime nazista na Alemanha. Mas *Duke*, em inglês, também é um termo popular para “punhos”, usado nas expressões “to put one’s dukes up” (fechar os punhos e armá-los para a briga) ou “duke it out” (isto é, “parta para a briga”). “O tamanho do duque”, “o tamanho do pulso”: Schwitters nos propõe uma charada.

3. Título criado para ele e que terminou nele na hierarquia de títulos de nobreza da Inglaterra.